



REALIZAÇÃO:



PARCERIA:



APDIO:



As experiências de vida nos territórios tradicionais acontecem em meio ao sentir, respirar, pisar, tocar, ouvir, conversar, no compartilhar sentidos de pertencimento a um povo e a um território. As biografias coletivas se fazem na criação de identidades que se confundem com a própria vida e com as atividades cotidianas que, muitas vezes, não são nomeadas, mas são simplesmente vividas. Na interação com projetos econômicos desenvolvimentistas e políticas públicas que avançam sobre os territórios e vidas, os povos e comunidades tradicionais são surpreendidos com categorizações que indicam quem são e como devem viver. Conflitos emergem e acabam por ser potencializados na construção de diálogos e possibilidades de ter direitos garantidos.



## **Este módulo será organizado em torno das 3 perguntas orientadoras:**

1. Quem somos nós?
2. Como somos nomeados? Ou quem nos nomeia?
3. Como nomeamos nossos territórios? Ou quem é nosso território?



## O que é identidade? O que é ter identidade? O que é viver uma identidade?

Viver uma identidade é viver um processo de pertencimento, um processo em construção permanente de sua personalidade. A identidade aciona interações coletivas e individuais. O processo identitário é criado nas relações sociais desencadeadas entre pessoas e coletivos, no encontro que me faz refletir sobre quem sou eu e quem é o outro.

De acordo com Brandão (1986: 23), os acontecimentos vividos por uma pessoa criam a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com os outros (a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância, os encantados, os seres dos rios e das matas), “e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação.”

### PAUSA E REFLEXÃO DO CONHECIMENTO:

“MEU NOME É APARECIDA ARRUDA SOU CONHECIDA COMO TANTINHA, ME IDENTIFICO COMO RAIZEIRA DO CERRADO, PORQUE EU FAÇO UM TRABALHO COM AS PLANTAS MEDICINAIS HÁ UM LONGO TEMPO. EU GOSTARIA DE FALAR UM POUCO COMO QUE EU CHEGUEI ATÉ NESSA CAMINHADA, NÉ? ATÉ ASSUMIR ESSA IDENTIDADE DE RAIZEIRA. A MINHA AVÓ ERA PARTEIRA, BENZEDEIRA E RAIZEIRA EU NÃO A CONHECIA, MAS ORALMENTE EU SOUBE DA HISTÓRIA TODA DESSA MINHA AVÓ. E MINHA MÃE CUIDOU DE MIM, MINHA VIDA TODA COM AS PLANTAS, COM AS ERVAS. EU ACHAVA QUE A MINHA MÃE FAZIA AQUILO PORQUE ELA NÃO TINHA DINHEIRO, MINHA MÃE ERA SOLTEIRA E CRIAVA A GENTE COM MUITA LUTA. (...) ENTÃO ESSE TRABALHO QUE A GENTE FAZ É DE PRESERVAR O CERRADO, DE CONHECER, DE CONHECIMENTO TRADICIONAL QUE A GENTE FALA QUE ELE NÃO TEM DONO, NÉ? QUE ELE TEM HERDEIROS.” (TANTINHA, RAIZEIRA DO CERRADO)



A short intro or kicker of the article will go here. This part acts as a bridge between the headline and the article itself.

O processo identitário se constrói no contraste entre EU e OUTRO, nas relações entre EU e OUTRO, e nos faz pensar nas nossas diferenças e semelhanças e aí a identidade emerge. No nível pessoal, a identidade me coloca em várias situações de pertencimento, por exemplo, sou uma pessoa que vive várias identidades: sou mãe, pai ou não tenho filhos, sou de determinada religião, tenho determinada idade, sou preta, indígena ou branca, tenho determinada ofício, faço determinada atividade, moro em determinado local, tenho determinado gênero ... Tudo isso marca a pessoa, seu corpo e sua existência, criando sua identidade. Então, essa identidade pessoal é múltipla.

A identidade de uma pessoa ou de um coletivo é uma experiência social, cultural que marca a pessoa e o coletivo. E é uma experiência dinâmica que se transforma ao nos inserirmos em outros momentos da vida ou em locais diversos. Essa identidade se vincula com a história de vida e história do viver, do fazer em um território. Ao longo de uma biografia, seguimos construindo uma identidade.

**E, assim, vivemos várias identidades, temos identidades múltiplas.**

No nível coletivo, também vivemos uma identidade construída na rede de interações que mantemos. Nos identificamos com um grupo de pessoas, pensamos de forma semelhante, temos uma memória em comum, valores, histórias, sentimentos, lembranças de cheiros, sabores, sensações que nos reúnem nesse processo identitário e compartilhamos conhecimentos sobre o território onde vivemos, compartilhamos as histórias das nossas vidas nesse chão em comum. Também vivemos desentendimentos e momentos conflituosos. Esses conflitos fazem emergir também movimentos de luta organizada, que nos reúnem enquanto grupo/coletivo. E assim temos outra dimensão da identidade.

Segundo Brandão (1986), nesse jogo de interação da pessoa com o coletivo, que produz o sujeito coletivo, como explica Ailton Krenak (Silva, 2020), não é fácil separar a dimensão pessoal da construção e do exercício cotidiano da identidade de sua dimensão social, cultural, ou melhor, de suas várias dimensões sociais e socialmente simbólicas.



“(…) E eu me identifico me identifico como como pescadora, sabendo que a pesca de artesanal ela é feita, ela é produzida no ritmo familiar, então é por isso que eu digo que sou pescadora. (...) E quando criança eu ajudava a fazer algumas atividades que são ligadas a pesca como por exemplo, cambitar a rede a linha, né? Tirar a linha da água. Fazer o cambito que é um apetrecho com linha e anzol, né? E e para fazer a isca desse anzol, nós tínhamos que tirar a minhoca, então a minhoca era o alimento que no final da tarde a gente ia buscar e atirar para que os meus irmãos junto com meu pai pudessem colocar no anzol. E aí fazer e depois a gente colocar a linha na água. E eu gostava muito de pilotar, né? Eu gostava muito de pilotar e sabia pilotar porque para você colocar a linha ou a rede, você tem que ser uma, tem que ter uma, tem que saber o pilotar que não é mesmo remar quando. Você vai para outro lugar, né? Então Essas atividades elas são especiais e específicas. Você não vai ter um bom piloto, como você não vai ter um bom que vai riscar a linha, né? Então toda essas atividades a gente fazia né? E se completava né? Então eu sou sim pescadora, mas além de ser pescadora, a gente também fazia o marisco, a gente também ia para várzea tirar o açaí, mas dentro de casa, a gente também fazia as outras atividades de dentro de casa, né? Como amassar o açaí, limpar o peixe, vender o peixe, né? Cozinhar, tinham umas comidas específicas, né? Que meu pai ensinava a gente a fazer com a ova do peixe com algum tipo de pescado também. Então, tudo isso a gente aprendia e aprendeu o fazer nessa atividade pesqueira dentro de casa, com meus avós e com os parceiros de meu pai. Além dessa atividade de pesca, nós também fazemos agricultura, então uma outra identidade é ser camponesa, agricultora, de plantar a roça, né? Então, veja que aqui eu já trago a atividade de pescadora, de agricultura que é, é o ritmo amazônico nosso, de nós. Nós não fazemos só uma atividade. Nós não fazemos só uma atividade então, né? Tem uma palavra chamada extrativista, né, extrativismo, mas eu gosto de me identificar como pescadora porque é uma atividade muito digna é uma atividade sofrida, eu vou trazer um fato.”

**(Ana Laide Barbosa, pescadora)**



# Coletivo

G C GKMKDE  
G I

“Falar de da pessoa, né? É eu falar meu nome, sou essa pessoa mulher Mankrare, é depois a gente veio com outro nome que outra pessoa deu esse nome de Krahô. Eu sou uma pessoa que luta, né? E briga que vai atrás das coisas, conseguir as coisas para a comunidade. E esse momento assim eu falo mais do território, mais do território nosso que tá com problema o território, a Craolândia, terra indígena Krahô, nós convivemos dentro dessa terra, essa área para nós, esse território, ele é o nosso resguardo, da saúde, do cuidado Krahô. Ele é nosso resguardo da alimentação, sem veneno. Esse território nosso guarda nossos resguardos, nosso corpo e assim eu tô falando em termos de nós mulheres, seres vivos Krahô, nesse território. Eu não sei falar só eu, só de mim, mesmo tendo nascido sozinha e eu vou morrer sozinho, mas eu convivo no meio do povo, convivo no meio da multidão Krahô, dos velhos, crianças, de jovens e adulto. (...) Que para mim assim, eu gostaria de eu não tô vendo, mas eu sinto que eu preciso falar sobre o meu território. A minha convivência, minha água limpa, o meu Cerrado em pé então. É uma coisa assim, que hoje nós estamos convivendo uma vida muito diferente



*Pausa*



As identidades das pessoas e dos coletivos são processos, são experiências de construção de autoidentificações, que pressupõem o compartilhamento de experiências (sons, cheiros, sabores, símbolos, palavras, lugares, história). Essas experiências se relacionam ou criam o sujeito coletivo e suas práticas compartilhadas, presentes na memória do grupo. Portanto, é uma experiência de identificação imaginada, que produz uma relativa unidade do grupo frente a outros.

# TÉ





### **Quem é nosso território? Que pessoa, ser, é este o território?**

Pensamos o território como um sujeito com quem nos relacionamos, como explica Ailton Krenak (Silva, 2020), o território é a mãe-terra ou o rio é o rio-avô, em suma, são seres que nos ensinam e que ensinamos, trocamos e mantemos relação. Não são mercadorias, objetos que descartamos, mas são seres que cuidamos e que cuidam de nós. Essa interação com o território conta uma história coletiva, produz conhecimento, assim, faz parte do processo de construção da identidade.

A diversidade de ser ou de existir de um território está ancorada em variações temáticas, em tonalidades de ser e viver no território-bioma/coletivo. Essas tonalidades aprofundam sentimentos de pertencimento e conhecimento que repercutem nas interações com as plantas, as águas, os minerais, os animais, nos usos compartilhados ou convivências.

### **Pausa e reflexão do conhecimento:**

**“Carrego meu território comigo, meu território é o Cerrado.”  
(Tantinha, raizeira do Cerrado)**

A identidade de qualquer povo apresenta no elemento histórico - além de outros como os elementos linguísticos e psicológicos - o ponto de ligação que une diversas dimensões, por meio de um sentimento de continuidade vivido pelo conjunto da coletividade. O essencial para cada comunidade é reencontrar o fio condutor que a liga a seu passado, assim, podemos afirmar que a história vivida em um território, ancora a memória coletiva. E o território passar a compor nossa identidade. Produzir ciências, conhecimentos sobre como viver em um território, se relacionar com esse território sem destruí-lo também marca os processos identitários, pois são conhecimentos compartilhados, vividos e que contam a história do pertencimento do sujeito coletivo.



### **Pausa e reflexão do conhecimento:**

**“O meu território é aqui e meu território tem uma cultura, o meu território tem árvores centenárias, o meu território tinha rios livres com várias espécies de peixe e hoje eles estão se perdendo e veja que quando eu perco esse meu território, eu também vou perdendo parte dessa minha identidade.” (Ana Laide Barbosa, pescadora)**

De acordo com Ailton Krenak (Silva, 2020) formar uma comunidade, formar um território, nos torna um sujeito coletivo. Esse sujeito coletivo protege o território, constrói um sentimento de territorialidade onde acontece um complexo sentido de trocas entre famílias, de camaradagem que segue se fazendo e as crianças crescem nesse ambiente como uma potência, uma capacidade de ser especial, de pertencer a um grupo social, a uma comunidade.



# Conhecimento

“Nós vivemos muito no movimento para não perder nossas terras, nós tínhamos uma área de terra que a gente chamava de que era dos herdeiros, né? E que toda a maioria da população da Vila fazia parte disso, dessa tinha parte nessa área. E aí então nós íamos para lá coletar frutas fazer roça, né? Então era uma área comum, era uma área comum, que todos nós íamos lá se servir daquela terra, né? Era uma terra pequena. Mas dava para todos nós. E aí então, a gente quando fazia essa atividade na nas tapera, né? Nós tínhamos muito cuidado também porque ficava distante a gente tinha que caminhar uma hora, então quando nós chegávamos ali, nós tínhamos que ter o tempo certo, porque o nosso tempo tinha que estar de acordo com o tempo dos Encantados. Nós não podíamos ficar na mata até passar o meio-dia ou das 6 horas da tarde e nem passar na cabeceira dos Igarapés e do Rio nesses horários também porque era os horários dos Encantados sabe então. A gente tinha essa cosmologia também, esse momento que nós tínhamos que ter esse respeito e ter essa regra para entrar na mata, né para coletar os frutos para coletar o que nós precisávamos. Então eu tô trazendo isso para mostrar que são vários aspectos quando a gente pergunta qual é a identidade. Qual é a minha identidade? Eu não tenho uma só identidade. Eu não só tenho uma, né? Eu trouxe já outros elementos que vão mostrar que eu tenho outras identidades. Mas tem uma um pertencimento que ele é único que é o meu território. E essa minha identidade, ela é construída em conjuntamente com o território que eu estou, que é esse território que tem os encantados que tinham os locais sagrados que tenha várzea, que tem o rio, o mar, então esses elementos é que constitui as várias identidades que eu posso usar em determinados momentos que eu acho que é importante. Se eu tiver numa assembleia de pescadores, é claro que eu vou dizer eu sou pescadora e se eu tiver numa comunidade que tem extrativista eu vou dizer, olha nós também coletávamos o açaí. Nós também coletávamos a andiroba, a semente da andiroba para tirar o azeite de andiroba. Então essas identidades elas vão me servindo no meu cotidiano e na vida que eu atuo como hoje, por exemplo, eu estou no “Movimento Xingu Vivo” e eu trabalho com vários, com diversidade de povos, indígenas, aldeados, também não aldeados, pescadores, ribeirinhos, beiradeiros. Então, esse meu território onde eu nasci onde é o meu berço, onde tem as cidades encantadas no rio e também na floresta, é me traz, me dá elementos, para que eu possa estar dialogando aqui com esses povos, né? Nessa luta por direitos nessa luta ambiental. Onde nós estamos hoje lutando, resistindo para conservar essa nossa casa, sabe?”

**(Ana Laide Barbosa, pescadora)**

O

O

R

“(…) meu nome é Lêda, sou Lêda Oliveira Cruz. Sou uma mulher de etnia, sou uma mulher romani, da etnia calon. A minha família vive na Bahia temos parentes em outros lugares, mas a grande parte tá na Bahia, nós somos uma etnia que estamos no Brasil há muito tempo, inclusive somos a maior no nordeste, né? E em especial na Bahia bom (...) E vendo que durante muito tempo nós fomos invisibilizados e ficamos à margem da sociedade, como vem acontecendo por séculos, né? Mas a gente vem buscando os nossos lugares de fala, vem buscando o reconhecimento da nossa existência, né? Porque nós estamos aqui, nós pertencemos a este país e queremos ser reconhecidos como tal. Quem somos nós enquanto coletivo, nós somos da etnia Calon, existem outras etnias. No coletivo, nós somos do povo Romani, da etnia Calon, e isso porque nós temos outras etnias, né, com especificidades, com costumes diferentes, vestimentas e várias outras características dentro de um povo, nós temos a nossa diversidade. E isso, muitas vezes, não é observado, nós somos na maioria das vezes chamados de forma pejorativa como ciganos, mas na verdade nós somos Romani ou Rom que abreviatura de Romani e isso nos incomoda um pouco porque é como se não nos enxergassem na nossa especificidade, na nossa verdadeira existência, né? E com relação a território nós não temos um território definido, né isso sempre nos foi imposto, desde os primórdios, né? Então assim, a gente não tem um lugar fixo, um território fixo, uma região onde a gente possa dizer aqui é meu território aqui é o meu lugar, nós temos um corpo-território, nós temos como território o lugar onde a gente estiver porque a nossa identidade nos acompanha. Então aonde nós estivermos ali se torna o nosso território, nós somos nômades, então a princípio nos foi imposto isso e isso hoje reflete nessa questão de território para nós porque, hoje, nós podemos dizer que somos ricos em territórios, né? Porque o nosso território é em qualquer lugar onde a gente esteja já que a nossa identidade vai conosco. Então onde a gente estiver ali vai estar o nosso povo, ali vai estar os nossos costumes, as nossas tradições. E isso é rico, então em qualquer lugar que a gente for, a gente pode levar o que a gente tem, e que é nosso que a nossa identidade e que ninguém pode nos tirar, né? Por mais que fiquemos “à margem da sociedade” entre aspas, nós sempre vamos ter a nossa identidade, o nosso território em qualquer lugar que a gente vá. E as pessoas nos definem de maneira pejorativa como se fôssemos todos iguais, invisibilizando também a nossa trajetória enquanto sujeitos, né que tem pensamentos, ideias e que não somos todos iguais.” (Lêda Cruz, povo Romani)



O  
M

M  
M

M

M

M

O M

“Então nós convivemos e eu eu andei né? Por fora do da minha aldeia, passei muito tempo estudando fora e eu sofri porque a vida na cidade não é como a vida na aldeia. Nós temos uma liberdade. Por isso que eu falo o branco, ele tem o pensamento quadrado, né? E o índio, ele tem pensamento redondo porque aonde ele vai, ele roda, mas ele vai para aldeia dele, vai para direção dele, vai para o lugar dele que ele gosta, né? Que não tem portão fechado, não tem muro e chega ficar de boa, né? Vai banhar, vai para roça, vai plantar a roça, vai colher, vai ter mulher, né? Vai casar e fica assim bem tranquilo, não se preocupando com essa vida para fora. porque a vida para fora, para mim, que eu passei como uma mulher e sofri no meio dos brancos, né? Eu ficava com medo, tinha noite. Eu não conseguia dormir de medo, ficava sentada na minha cama querendo falar minha língua e não dava conta porque não tinha ninguém para falar comigo. (...) porque eu dormi se eu ficasse na minha casa, na minha aldeia, eu falava na língua, aí eu já acordava a madrugada, eu ia cantar no pátio, voltava, vou correr de manhã para ir banhar no rio e depois voltar para fazer alguma comida né. (...) Mas eu ainda resguardo isso, eu como comida de caldo ainda. Faço moqueca, faça o assado e assim essa vivência de saúde, da saúde Krahô.

(...) Nós somos seres vivos do Cerrado, porque se não tiver Cerrado, nós não tem vida e se não tiver vida, não tem Cerrado, a gente cuida um do outro. E hoje nós tem pouco velho, os velhos já está morrendo tudo, tem uns 6 ou 4 que tá vivo. Também tá ficando doente mais que não sei como aprendeu usar café, eu não uso café, mas nossa, minha mãe usa e minha avó usa e gosta de café. E isso conta a história né? As histórias que já passou que não vai voltar mais, às vezes, canta, às vezes, um chora lembrando da movimentação. Eu às vezes eu fico triste, né saber que não tem movimentação na aldeia, não tem cantoria e que não é daquele jeito mais que eu vi 95 para 99, é recente para mim, mas tá acabando a cultura bem lento.

**(Creuza Prumkwyj Krahô)**





# *Aula 03*



*Quem nomeia os Povos e Comunidades Tradicionais?*





Quem são as pessoas que nomeiam os povos e comunidades tradicionais ou que impõem identidades? Como escapar dessa nomeação que acaba por ser uma dominação? A troca semântica dos termos, como ensina Antonio Bispo (Santos, 2020), abre possibilidades para garantir direitos, para impor os sentidos dados pelos coletivos, assim quando esses sentidos tradicionais são acionados se revestem de garantia de direitos. A tentativa de nomear pessoas, de impor identidades, muitas vezes, significa silenciar, apagar histórias, impor outras e findar com direitos.



### **Pausa e reflexão do conhecimento:**

“Eu vou trazer um fato. Para vocês que só fui descobrir, quando entrei na universidade, o meu pai foi vendido junto com a canoa de pesca e isso despertou em nós depois que a gente começou dialogar e também buscar a buscar a nossa memória comunitária, foi que nós fomos observar que a maioria dos pescadores da nossa comunidade foram escravizados pelos patrões de pesca entre estes pescadores estavam no meu pai, meu pai tava no alto mar pescando, e o patrão o dono da canoa vendeu a canoa com ele dentro. Nós ficamos sabendo, a família ficou sabendo primeiro que meu pai, e aí a o meu pai só foi saber quando chegou na nossa casa. O dono da canoa foi dizer que não era para a gente se preocupar que o meu pai não ia ficar desempregado porque quem comprou a canoa ia ficar trabalhando com ele. E aí para nós isso a gente foi pego de surpresa, não sabia o que significava aquilo e depois foi que eu fui entender mesmo que significava a venda do meu pai em alto mar com aquela canoa. Então também nós somos sobreviventes do trabalho escravo, entendeu? E a nossa comunidade por ser pescadora, né de pesca artesanal, nós éramos muito, muito xingados, quando a gente ia estudar para a cidade que onde faz que ficava a 12 quilômetros da nossa comunidade então nós tínhamos que estudar, quando nós chegávamos na escola aí o pessoal dizia: “Lá vem os pitiú!” porque nós cheirávamos a peixe. Então nós éramos visto dessa forma, né, como pitius e como se os pitius não tivesse direito a estudar. Então isso era um dois estereótipos que diziam para nós que vínhamos de uma comunidade de pescadores. E quando a gente quando a gente ia fazer a farinha, que o processo também era descascar a farinha, a mandioca que ficava de molho por cinco dias, a gente também ficava com o cheiro forte da mandioca nas mãos e aí as pessoas também e não saía numa lavada só né? E aí quando a gente chegava com esse cheiro também chamavam né: “Lá vem os fedorentos”, né? Então era essa forma que quando nós chegávamos na sala de aula, na cidade, as pessoas, os colegas nos tratavam, né? E alguns professores também tratavam a gente assim. Então e na comunidade nós nos engajamos muito né?

**(Ana Laide Barbosa, pescadora)**

u

v

v

b

v

v

a

v

bá

v

b

u

ó

A

Vf df dE

v

v

v

b







### **Pausa e reflexão do conhecimento:**

“Então eu vejo que a maioria das Raizeiras estão lá dentro do rural mesmo, né? Então ali ela tem um acesso maior ao território, mas a gente que tá dentro urbano tentando proteger o Cerrado, que está remanescente nos entornos, e repassando esse conhecimento, a gente fica sofrendo de ver a mineradora tira uma parte aqui do nosso Cerrado, vem as construções, né, que vão invadindo, vem as pessoas que às vezes não entendem muito o que uma raizeira dentro do urbano pensando como se isso fosse inconcebível, né? A nossa tradição de raizeira tá dentro de nós, e a gente traz para onde a gente mora o nosso território e a nossa identidade e é por isso que eu tô aqui falando da minha identidade dentro urbano, mas agora eu não tô totalmente dentro urbano, mas eu tô um pé lá em pé cá, eu estou em uma região peri-urbana. Tô aqui há 20 minutos de Belo Horizonte. (...)A gente fala assim, a gente usa muito termo raizeiras, porque nós estamos a maior parte de mulheres, então nós estamos aqui valorizando o nosso conhecimento, mas tem muita gente trabalhando com as plantas, muita gente lidando com as ervas, isso não oculto. É lógico que a gente vem enfrentando muitos obstáculos e esses obstáculos vem e inibindo a nossa forma de trabalho. Então tem as igrejas que às vezes não entendem muito a nossa forma de preparo, de lidar com a com as benções, com as orações, com as energias das ervas. Tem ali como eu já falei a (destruição) do Cerrado que vai ficar acabando aos poucos, né? Então a gente vem lidando com a indústria farmacêutica também que fica ali, de certa forma pesquisando (o conhecimento tradicional) por que o que que você tá fazendo? Isso é curandeirismo? Não, isso aí é conhecimento tradicional que a gente vem trazer desde a nossa ancestralidade. Então a gente tem o direito consuetudinário de praticar essa medicina, de certa forma de como se diz assim, é vencer, lutar, né?”

**(Tantinha, raizeira do Cerrado)**

# Referências bibliográficas



**ALMEIDA, A. W. B. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008**

**BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986. Identidade e Etnia. São Paulo: Editora Brasiliense.**

**DURHAM, Eunice R. 2004. “Comunidade”. Em Thomaz, Omar R. (org.), A Dinâmica da Cultura: ensaios de Antropologia. São Paulo: Cosac Naify. Pp. 219-225.**

**ESCOBAR, A. 2015. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio.” *Desenvolvimento & Meio Ambiente*, 35, 89–100.**

**FERNANDES, Florestan et al. 1975. “A pequena comunidade”. Em Fernandes, F. (org.), *Comunidade e Sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional (2ª ed.). pp. 43-80.**

**HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A. e SPOSITO, E. S. (orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo, Expressão Popular, 2009, p. 95-120.**

**LITTLE, P. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Brasília: Universidade de Brasília. Série Antropologia nº 322, 2002.**

**SILVA, Jailson de Sousa. Entrevista com Ailton Krenan – A potência do sujeito coletivo. In: Silva, J, (et. al.) *Mestras das Periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco*. RJ: EDUNiperiferias, 2020. (também no sita de Revista Periferias)**

**SANTOS, Antônio Bispo dos Santos. Significações da periferia: representações, confluências e transgressões. In: Silva, J, (et. al.) *Mestras das Periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco*. RJ: EDUNiperiferias, 2020. (também no sita de Revista Periferias)**

# Referências bibliográficas



**IBGE. 1975. “Caboclo Amazônico”; “Vaqueiro do Rio Branco”; “Vaqueiro do Nordeste”; “Caiçaras do Nordeste”; “Muxuango”; “Ervateiros”; “Agregado”. Em Tipos e Aspectos do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE.**

**RAFFESTIN, C. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In. PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P. e SOUZA, E. B. C. (orgs.). Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais. São Paulo, Expressão Popular, 2010, p. 13-23.**

**SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção. 2ª edição. São Paulo, Hucitec, 1997.**

**STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. Teorias da etnicidade: Seguido de "Grupos étnicos e suas fronteiras", de Frederik Barth. Fredrik Barth. Os grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo: Editora da USP Pg. 187-227.**

**WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva, vol. 1. Brasília: Editora UnB, pp. 267-277.**